

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INTERDISCIPLINARIEDADE E QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Coordenadora:

Clélia Maria Nascimento-Schulze (UFSC)

Participantes:

Denise Bemuzzi de Sant'Anna (PUC/SP)

Edson Alves de Souza Filho (UnB)

Maria de Fátima de Souza Santos (UFPE)

Mary Jane Spink (PUC/SP)

Sandra Jovchelovitch (PUCRS)

Pedrinho A. Guareschi (PUCRS)

Marcos Reigota (USP)

José Antônio Damásio Abib (UFSCAR)

REPRESENTAÇÕES DE GERMANIDADE, IDENTIDADE ÉTNICA E VITALIDADE ETNOLINGÜÍSTICA

Clélia Maria Nascimento-Schulze
Universidade Federal de Santa Catarina

O presente estudo em andamento trata das questões de identidade social enquanto relacionadas com a manutenção da língua alemã e com as representações de germanidade (Deutschung), voltadas à realidade de grupos de indivíduos de origem alemã em Santa Catarina.

Para compreender tais relações, temos buscado uma interlocução com historiadores e sociólogos, assim como recorrido à leitura de livros e pesquisas, produzidos por intelectuais de outras disciplinas.

Os resultados obtidos até o momento apontam para estereótipos sociais em relação ao grupo de alemães que diferem em alguns aspectos daqueles já veiculados e registrados na literatura referente à Segunda Guerra Mundial.

Os dados presentes também sugerem uma dificuldade por parte das gerações mais atuantes em resgatar a memória social do grupo, fenômeno que ocorre concomitantemente com o desuso da língua alemã. Por outro lado, o reaprendizado ou a retomada da língua alemã parece estar ocorrendo por razões instrumentais. Presentemente, estamos nos voltando para dados históricos referentes às correntes migratórias do século passado buscando caracterizar a possível origem local das famílias dos indivíduos que contribuem para a nossa pesquisa.

Temos também como propósito identificar os pressupostos teóricos relativos aos conceitos de representações sociais e identidade social, que estão norteando nossas escolhas metodológicas e linhas de argumento. Ao desvendar estes pressupostos pretendemos contribuir para uma reflexão epistemológica na área da Psicologia Social.

SAÚDE E DOENÇA: ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS REPRESENTAÇÕES DO CÂNCER NO BRASIL (1890-1980)

Denise Bernuzzi de Sant'Anna
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Os cuidados com a saúde não são exclusivos do mundo contemporâneo. A história das práticas e das representações corporais, sobretudo as de saúde, é aquela de uma progressiva conquista individual, através da qual, o espaço íntimo ganha em autonomia tanto quanto em novas responsabilidades.

Partindo do princípio de que as verdades estabelecidas nos domínios da saúde e da doença são históricas, nossa pesquisa busca compreender as transformações e as permanências dos mitos, receios e expectativas que fazem parte do modo de lidar com a doença, e, em particular, com o câncer.

Historicizar as representações, do câncer é retrair a história de um medo que deixa de ser individual para se tornar, desde os anos 70, um flagelo coletivo. História que implica na percepção de como a ampliação deste medo é paralela a uma crescente discussão sobre os processos de prevenção e de cura nos jornais, nas revistas e, ainda, na publicidade. História que permite, também, compreender como esta doença acolhe definições médicas e imagens do corpo ao mesmo tempo antigas e contemporâneas: metáforas bélicas sobre a rebelião das células, pressupondo um organismo hierarquizado segundo os princípios da termodinâmica, são, várias vezes, atualizadas a partir de metáforas contemporâneas, de um corpo informatizado, fragmentado e descentralizado. História que permite medir as distâncias e as proximidades entre o corpo e o saber científico, entre este e o saber não científico, entre a subjetividade e a organização técnica e industrial envolvida na prevenção e na cura daquela doença. História, enfim, que cruza e explicita outras histórias relacionadas ao antigo ideal de um corpo saudável: no decorrer das décadas, amplia-se a zona de diálogo entre o indivíduo e o seu corpo - técnicas de escuta, de visualização, interpretações psicanalíticas, etc - ao mesmo tempo em que se acentua a prática de fragmentação do corpo nos laboratórios e hospitais.

Além da bibliografia geral sobre a história do corpo e, em particular, da saúde, as fontes de pesquisa são os periódicos médicos especializados em oncologia, as revistas para-científicas e os artigos de jornais sobre o tema dos cuidados de saúde.

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE SOCIAIS: REFLEXÕES E OBSERVAÇÕES RECENTES

Edson Alves de Souza Filho
Universidade de Brasília

Nos últimos anos presenciamos muitas reflexões teóricas e metodológicas sobre a noção de Representações Sociais, particularmente na Europa e América Latina. Paralelamente, um conjunto de novas observações empíricas emergiram nestas mesmas regiões do mundo.

Nosso objetivo é o de realizar uma ampla revisão que ofereça um novo direcionamento para a pesquisa na área. Tal meta-análise poderá vir a orientar a reflexão teórico-metodológica de nosso trabalho, assim como as bases epistemológicas de um saber que se tem constituído na interdisciplinariedade. Para tanto, buscaremos nos concentrar nas contribuições da instrumental de Representações Sociais no estudo de identidades psicossociais, que tem marcado vários de nossos trabalhos de cunho empírico.

A VELHICE NA ZONA RURAL

Maria de Fátima de Souza Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a representação social da velhice na zona rural do nordeste brasileiro e suas implicações na identidade do sujeito idoso.

A velhice é aqui concebida como um período do desenvolvimento humano (logo, processo biológico natural e universal) sobre o qual são construídas representações sociais que por sua vez repercutem na construção da identidade pessoal. Considerando as representações sociais como formas coletivas de pensar e explicar os objetos sociais, construídas na interação com o outro e com o contexto social mais amplo, ressalta-se a importância de ter acesso a tais representações na medida em que elas também poderão fornecer indício sobre a forma do sujeito pensar e agir face a tais objetos. Como afirma Assério (1991) "... toda análise de condutas sociais baseadas sobre um sujeito 'conhecente' (logo, sobre indivíduos e grupos que produzem "idéias" e elaboram ponto de vista próprio a eles mesmos) não pode parar no aspecto representacional, mas deve vislumbrar também os processos de construção da identidade, como lugar onde as "teorias sobre as coisas" aliam-se a "teorias sobre si", determinando assim as condições cognitivas necessárias para fazer escolhas e tomar decisões.

No caso do velho, compreender a representação social da velhice permite explicar não só o comportamento com relação ao velho, mas também como essas representações se ancoram na identidade pessoal.

A partir de tais pressupostos teóricos, foram entrevistados 40 sujeitos de ambos os sexos, sendo 20 considerados idosos pela comunidade (idade acima de 60 anos) e 20 considerados não idosos (idade entre 18 e 35 anos), todos residentes num pequeno distrito da zona rural do nordeste, cuja atividade econômica principal consistia na agropecuária de subsistência e na produção artesanal de cal. A análise qualitativa dos dados demonstra que o conhecimento do senso comum sobre a velhice, nessa região, é calcado na idéia de que este é um processo natural e gradual que culmina com a perda da "energia vital" do sujeito ao mesmo tempo em que se ressalta a força do sujeito idoso pelo fato de atingir esta etapa do desenvolvimento numa região onde o índice de mortalidade é bastante significativo. A experiência e a responsabilidade são destacadas como características inerentes ao processo de envelhecimento e o reconhecimento do idoso enquanto parte da comunidade que possibilita a manutenção da rede de interações sociais do sujeito. Tais elementos parecem contribuir fortemente para uma melhor aceitação e integração da velhice tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista coletivo. Entretanto, dentre os sujeitos considerados não-idosos já aparecem elementos que se aproximam da representação social da velhice na zona urbana, tais como: possibilidade de isolamento, de solidão, o desprezo e a referência ao abrigo como espaço de cuidado do idoso.

Ao analisar a representação social da velhice enquanto produto remete-se imediatamente ao processo de construção da identidade do sujeito idoso, porém é imprescindível o uso de conhecimentos produzidos em outras áreas, tais como: a sociologia, a demografia, a antropologia e a fisiologia, entre outras para que se possa melhor compreender o processo de construção de tais representações.

O DISCURSO COMO PRODUÇÃO DE SENTIDO

Mary Jane Spink

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ao focalizar a relação entre o Homem e a Sociedade, seja qual for a perspectiva teórica adotada, alguns pressupostos são implícita ou explicitamente assumidos. Dois destes pressupostos são centrais quando o foco é o pensamento enquanto prática social.

O primeiro pressuposto é que **dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável, principal motor do "fazer humano"**. Este pressuposto traz na sua cola dois corolários:

- a) que "dar sentido ao mundo" exige o uso de palavras;
- b) que "dar sentido ao mundo" implica em posicionar-se numa rede de relações sociais.

Decorre daí que os processos de significação são simultaneamente cognitivos e funcionais. A controvérsia entre os teóricos das Representações Sociais e os Analistas de Discurso passa necessariamente pelo privilegiamento de um ou outro destes polos de significação.

O segundo pressuposto é que a **tomada de consciência** (ou o posicionamento do Self no mundo, ou, ainda, os processos de significação) **exige alguma coerência interna**. É esta coerência que sustenta a experiência de unicidade do Self ou de Identidade. O corolário deste pressuposto é que os elementos de que dispomos para dar sentido ao mundo não são aleatórios; constituem uma rede de conceitos, imagens, metáforas, etc... que estão interligados entre si de forma mais coesa ou mais flexível. Os elos de ligação têm uma natureza probabilística derivada da experiência de cada um. A controvérsia, no caso, é quanto à natureza destes repertórios: ao focalizarmos o aspecto probabilístico, deparamo-nos com a processualidade e com a natureza "situada" destes repertórios; ao concebê-los enquanto estruturas, deparamo-nos com permanências culturais e com o consenso.

Baseando-nos nos dados provenientes do **"Estudo de Incidência de Infecção pelo HIV em homens que fazem sexo com Homens - Projeto Bela Vista"** (do qual somos investigador principal da área sócio-comportamental), procuraremos demonstrar que, ao concebemos "conhecimento" como processo de significação, a ênfase se desloca da descrição das representações para a funcionalidade do discurso. Neste movimento, outros aspectos dos repertórios de que dispomos passam a ter prioridade, entre eles: os investimentos afetivos; o poder da argumentação e da retórica e os mecanismos de defesa de identidades instituídas que permeiam as produções discursivas.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DA PESQUISA

Sandra Jovchelovitch

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

A teoria das representações sociais vem se constituindo como um novo paradigma para o entendimento de fenômenos psicossociais. As suas raízes podem ser encontradas tanto na Psicologia como na Sociologia, e este modo de inepção da teoria, interdisciplinar desde o momento mesmo de sua concepção, abre caminhos para o redimensionamento epistemológico e metodológico de nossas práticas investigadas. Neste trabalho, eu discuto a interdisciplinaridade como um elemento constitutivo da episteme da teoria, procurando mostrar que o caráter mediativo da noção de representação envolve tanto uma teoria do sujeito como uma teoria da sociedade. As conseqüências daí advindas são claras: contra as metodologias estanques que negam o espaço fundamental da relação entre sujeito/sociedade e teoria/método, ergue-se o método enquanto processo, atento à história, à experiência vivida, ao texto e ao contexto. Essas questões serão discutidas a partir da investigação de representações sociais sobre o espaço público no Brasil.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O NOVO E O ANTIGO

Pedrinho A. Guareschi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

O interesse do autor, e da linha de pesquisa que dirige na pós-graduação de Psicologia PUC/RS - "Ideologia, Comunicação e Representações Sociais" está mais voltado atualmente, em mostrar as semelhanças e diferenças que o conceito (teoria) de Representações Sociais (RS) trouxe e traz para a Psicologia, e especificamente como a teoria vai respondendo às necessidades da nossa sociedade latino-americana, como vai apresentando novas possibilidades de uma maior compreensão dos fenômenos e como vai propiciando a formação de novas sínteses.

A tarefa consiste primeiramente em contrapor o conceito de RS a outros conceitos ou construtos (ou mesmo teorias) da Psicologia Social, para poder perceber as semelhanças, as diferenças que existem entre tais conceitos. Entre os principais conceitos que entram na discussão crítica estão: opinião pública, atitude, representações coletivas, crenças generalizadas, construcionismo social e ultimamente a discussão entre representações sociais e discurso.

É evidente que esta discussão traz conseqüências não apenas para a dimensão teórica, mas também para a dimensão epistemológica e mesmo ética, principalmente no que se refere às divergências nas concepções de ser humano, de ação, de sociedade, etc.

Um dos conceitos acima é, contudo, privilegiado nas nossas discussões: o conceito de ideologia. Apesar de possuir grande afinidade com o de RS, ele pode assumir diferentes acepções, sem impedir sua articulação com as RS.

O campo privilegiado de pesquisa é o mundo dos Meios de Comunicação de Massa e o papel que eles desempenham. Vivemos numa sociedade "simbólica", "representacional", onde a mídia se constitui como uma "mediação" indispensável na constituição da realidade e dos sujeitos.

NÓS ECOLOGISTAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Marcos Reigota

Universidade de São Paulo

A partir de oito cenários (nós), construídos com relatos de profissionais e militantes ecologistas, procuro evidenciar os confrontos, dificuldades, experiências cotidianas e a intimidade de um pequeno grupo, trans-nacional, que constrói e vive a "globalização".

Confrontados na vida profissional e pessoal com: a velocidade do tempo; e das relações sociais e afetivas; o oportunismo; o encontro e conflito de culturas; a AIDS; o avanço da informática/comunicação e o distanciamento pessoal, assim como, entre outras coisas, a falta dos direitos humanos.

A questão principal desse estudo é: como essa elite transnacional vive o amor, a amizade, os relacionamentos afetivos universais e ecológicos? (F. Guattari)

Os cenários (nós) foram construídos a partir dos ecologistas que tenho encontrado ao longo de minha carreira e os seus/suas: marido/mulher, namorados(as), companheiros (as), partners.

Por exigência ética, buscando preservar a privacidade e o anonimato dos meus informantes, amigos e colegas, recorro às possibilidades literárias. Clarice Lispector, Fernando Pessoa e J.L. Borges servem de inspiração e orientação.

A fundamentação teórica se baseia em estudos recentes sobre Globalização e Intimidade (A.Giddens, Octavio Paz), Pós-modernidade (G.Vattimo), Ecologia e Intersubjetividade (F.Guattari), assim como na perspectiva Cultural Antropofágica (O. de Andrade) e nas Teorias de Representações Sociais.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL, CONSTRUCIONISMO E CONTEXTO FILOSÓFICO.

José Antônio Damásio Abib

Universidade Federal de São Carlos

Revisita-se aqui a tensão que existe entre os conceitos de representações sociais de Moscovici e o construcionismo social de Gergen, bem como a tensão mais ampla que se alastra entre uma cultura filosófica fundacionista e

epistemológica e outra anti-fundacionista e pós-epistemológica.

Sugere-se que Moscovici está mais próximo da cultura fundacionista e epistemológica enquanto Gergen alinha-se com a cultura anti-fundacionista e a pós-epistemológica.

Após isso, faz-se uma leitura crítica do texto "*Constructing a representation or representing a Construction?*" de Ibanez (1994), e se sugere que sua radical conclusão sobre a inexistência ontológica das representações sociais encontra guarida no contexto de uma cultura filosófica anti-fundacionista e pós-epistemológica e de uma Psicologia Social como a de Gergen, que é solidária com essa cultura.

Defende-se, enfim, que a tensão entre essas duas Psicologias Sociais expressa os compromissos filosóficos de seus autores.